

**Terras e povos incognoscíveis: o imaginário do “Outro” na obra *Etimologias de Isidoro de Sevilha*.**

RAQUEL DE FÁTIMA PARMEGIANI<sup>1</sup>

A experiência do ser humano com o espaço geográfico constitui uma das bases sobre as quais organizamos conceitualmente nossa realidade. Porém, segundo Paul Zunthor, se é sobre ele, sobre a terra real que se desenvolve a ação coletiva - a organização do grupo -, é no espaço social onde se traçam os itinerários discursivos, ao longo dos quais o grupo fala de si e para si mesmo (ZUNTHOR, 1993: 16).

É neste último que se opera o imaginário e, é graças a ele, que o grupo adquire uma identidade. Se o espaço social, é pois, gerador de mitos, se é zona ambígua entre o cosmos e o caos, é justamente nestes itinerários narrativos que se inscreve a percepção do “Outro”, elemento do imaginário social construtor e definidor de si.

A partir deste pressuposto nos propomos a pensar, dentro da obra *Etimologias de Isidoro de Sevilha*, a visão europeia, na Alta Idade Média, sobre outros espaços e outros povos. Para tanto, partiremos da análise do Livro XIV desta obra, que se intitula “Acerca da Terra e de suas partes”, o qual influenciou de forma significativa a produção de *mapas mundi* no período.

Temos nossa atenção voltada para o fato de que o conhecimento cartográfico medieval tece narrativas que incluem textos bíblicos, apócrifos, literários, repertórios de valores, imaginários sobre lugares e povos desconhecidos, e que por isso não há nestes trabalhos a necessidade de uma precisão em demonstrar os lugares em suas determinações geométricas e matemáticas, implicando, fundamentalmente, na maioria dos casos, em mostrar lugares na terra que seriam santos, pios, cristão e lugares “Outros”, nos quais seus habitantes carregavam consigo costumes e características físicas que os definiam como oposto aos cristãos, porém dentro das regras da Criação.

---

<sup>1</sup> Doutora em história pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professora Adjunta de História Medieval da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

Assim, nosso trabalho quer mostrar como a produção do conhecimento cartográfico e a descrição de lugares e povos dentro da obra *Etimologia* de Isidoro de Sevilha, pode nos dar vestígios da relação da sociedade da Alta Idade Média com a alteridade, sendo essa entendida como elemento da construção de si. Entendemos que é a forma como narrativa do autor constrói os itinerários, a disposição dos grupos humanos, a descrição da fauna e da flora sobre esta superfície da terra, o que vai nos encaminhar para a análise sobre a representação do “Outro” dentro da sua obra.

O Livro XIV das *Etimologias* trata do conhecimento que se tem sobre a terra. Para o autor, esta é compreendida como região central do universo, o que por sua vez é uma criação Divina. Segundo a narrativa de Isidoro, Deus criou o universo e o dividiu em quatro zonas:

*(...) O oriente é denominado assim por ser onde nasce o sol. O ocidente, porque é onde ele morre ao fim do dia, escondendo a luz ao mundo e estendendo sobre ele as trevas. Denomina-se setentrional o eixo formado por sete estrelas que giram em torno a si. O meridional deve seu nome a que nele o sol dividi o dia em sua metade (...) Duas são as entradas do céu: o Oriente e o poente; por uma delas aparece o sol, por outra se retira. Os polos do mundo são dois, setentrional e meridional, pois neles gira o céu.*

A Terra estaria localizada no central deste universo e estaria dividida em três regiões: Ásia, Europa e África. Deus teria inserido a diversidade humana e geográfica nas regiões do mundo e portanto elas estavam amarradas a crônica universal e submetidas ao poder da onipotência divina. Esse fio condutor serve, no desenvolvimento do trabalho de Isidoro, como centralizador do desenvolvimento das ações humanas e da natureza.

Enciclopedista, ele coleciona, copia todos os saberes antigos destinado a facilitar uma visão científica integral, a partir dos conhecimentos linguísticos do mundo clássico que permitem usar de forma mais eficiente o saber antigo na compreensão da natureza como forma de conhecimento de Deus.

Sua compreensão sobre o termo etimologia, segundo Jacques Fontaine, funda a forma como vai organizar essa obra. Em primeiro lugar, o autor levanta uma proposição sobre a origem da palavra; em segundo, busca os meios e os fins da investigação etimológica, que passa por três fases:

*(...) a busca da origem de uma palavra, o acesso livre ao valor essencial dessa palavra; e por ultimo, no melhor dos casos, ao conhecimento da realidade designada por essa palavra. A interpretação etimológica pode conduzir, portanto, a um conhecimento no solo do léxico, que não seria mais do que o sentido da palavra, propriamente metafísico, posto que nos permitira apreender na sua essencial qualquer coisa. Existiria, a partir deste pressuposto, uma correspondência exata entre qualquer coisa e a origem da palavra que a designa. (...). (FONTAINE, 2000:199)*

Deve-se ter presente que esse saber não estava restrito a uma espécie de ideal etimológico. Em graus diversos e com distintos mecanismos lógicos, em parte derivados das fontes manejadas, vê-se aparecer etimologias que tentam aclarar coisas de precedência de interpretação popular, filosófica, gramatical, histórica e teológica. Ao tratar a linguagem como um instrumento do conhecimento portanto, Isidoro constrói, segundo os padrões científicos da época, uma narrativa que tem a preocupação de usar os termos do saber compartilhado por seus leitores.

Ao tratar das partes da terra portanto, podemos observar nas informações que nos dá sobre “Outras” geografias e povos, para além dos territórios mais conhecidos, uma preocupação em extrair elementos comuns desse imaginário cultural da época. Não há dúvidas de que um texto não é uma coisa inerte, mas inscreve-se entre um narrador e um destinatário. Entre eles existe, como condição para tornar possível a comunicação, um conjunto de saberes semânticos, enciclopédicos e simbólicos que lhes é comum. É justamente a partir desse conjunto que tanto pode desenvolver-se o texto, quanto o destinatário pode decodificar os diversos enunciados que lhes são dirigidos.

Para fazer crer no “Outro” que constrói em sua narrativa, o autor, de forma inevitável, busca elaborar toda uma retórica da alteridade, que se insere no mecanismo profundo da etimologia: definição do conceito, análise do vocabulário (tanto em si mesmo, para descobrir sua composição ou derivação, bem como na relação com outros termos, sobretudo gregos), explicação das vinculações reais entre vocabulário e objeto, e modos de compreensão linguística dos objetos. Nesta última etapa joga de forma decisiva, o conhecimento das realidades antigas e que lhes são contemporâneas.

Demos evitar aqui uma excessiva aplicação do valor diacrônico de estrita consciência histórica às considerações relativas as fases antigas da explicação, porém podemos dizer que *Etimologias* é uma obra que compartilha certos elementos do gênero literário da “crônica universal”. Isidoro considera essencial o papel desempenhado, pela palavra e o conceito de origem, entendidos em um sentido histórico”. Em outras obras do autor, como a “*História dos godos*”, encontramos uma preocupação desse autor em inserir este povo numa cronologia que inicia-se com Adão, passando por momentos da narrativa bíblica importantes no imaginário cristão Alto Medieval, o que mostra a dinâmica de pensamento de Isidoro, em direção ao gênero literário historiográfico.

Assim, a meio caminho de uma ciência demasiada erudita, ele faz em suas *Etimologias* um conjunto homogêneo, profanos e religiosos que trata da cultura intelectual, religiosa, material, bem como um compendio sucessivamente teológico, moral e espiritual. Há nele uma prática de escrever justapondo um desenvolvimento profano e científico, com uma interpretação religiosa que alegoriza um determinado saber.

Como enciclopedista, portanto, Isidoro de Sevilha fez uma produção modestamente funcional, de uma fabricação útil de instrumentos de divulgação, destinado a sustentar certas formações indispensáveis aos pregadores da Igreja e aos fieis leigos. Esta compilação que dá acesso direto a compreensão dos grandes textos antigos, patrísticos, bíblicos e litúrgicos, aberto igualmente à fontes profanas e sagradas, pagãs e cristãs, acostumou, de maneira proveitosa, a seus copistas e leitores, a professar o mesmo respeito aos possuidores de qualquer verdade, seja cristã ou pagã. Ou seja, possibilitou

uma transmissão de uma espécie de depósito cultural indiviso, próprio para descartar de maneira definitiva os falsos debates nascidos de uma pretendida incompatibilidade entre o cristianismo e a cultura profana. (FONTAINE, 2003: 253)

Portanto, Isidoro traz em sua obra *Etimologia* um quadro que nos possibilita compreender o “Outro” em termos do saber compartilhado pelos cristãos hispânicos. Temos aqui o que François Hartog chama de “Injunções narrativas” (HARTOG, 1999: 77), ou seja, o que Isidoro fala do “Outro”, são produzidas pela própria narrativa no processo da sua elaboração, numa relação de espelho com a cultura que o cerca. Ao descrever esses lugares a Oriente, suas regiões, seus habitantes, seu clima. Organiza-se na sua narrativa todo um sistema de povos, instalados num espaço cujo “realidade física” o autor não tem nada a dizer, pois são, a um só tempo, limites do espaço e limites do dizível. Porém estes povos estão demarcados geograficamente, por rios, montanhas. Começam ao longe, crescendo a selvageria quanto mais se avança em direção a Oriente, um movimento que marca bem uma diminuição da parte de humanidade, até atingir os seres, conhecidos somente por ouvir dizer. E aí temos um lista enorme de seres humanos monstruoso e de costumes selvagens, como por exemplo, os ciclopes indianos, homens que ostentam um olho na testa e se alimentam de carne de feras.

O conhecimento cartográfico da Alta Idade Média disposto na obra de Isidoro, tratou de dominar o indefinido sobrepondo – e impondo – uma trama de leitura. O gênero de mapa apresentado por ele é o *mapamundi*, equivalente geográfico das crônicas universais, nele se mescla o material herdado da Antiguidade, emprestado de Orosio, Eusebio, Josefo, acrescido de uma visão teológica da Terra. Exalta-se a unidade da criação, a qual é percebida como uma manifestação da Providência Divina. Por isso o espaço universal se reduz ao ecúmeno: a porção da Terra na qual se encontra o Homem, objeto da Redenção.

Efetivamente como já dissemos, esse conhecimento não é idêntico a realidade física que representa, e com efeito, só manifesta uma parte ou um elemento determinado. Implica, pois um sistema semiótico completo. Ele iconiza o espaço, arquiva o conhecimento do grupo cultural. Isidoro, podemos dizer, se eximem

completamente de descrever objetivamente a superfície terrestre, ainda que ostente a ciência cartográfica antiga. Assim como os mapasmundi que são correlatos, sua narrativa une lugares dispersos, articulando uma globalidade de espaços, projetando um itinerário, contrapondo a estabilidade ao nomadismo, a civilização à barbárie.

Sua descrição abarca qualitativamente a realidade. Se baseia em ideias de hierarquias, correspondência, oposição. Manifesta a variedade dos pontos de vista que determinam a percepção do espaço. Ao mesmo tempo em que afirma a existência e dita a unidade do grupo cultural a qual pertence

A cartografia do período de Isidoro, representava a terra a partir dos chamados mapas chamados T-O. De origem antiga, mas retomados pelo auto, a partir de uma perspectiva cristã, representa unicamente a parte da Terra conhecida. O Formato em T divide a orbita em: horizontal, designa Mediterrâneo; o vertical, os Rios Nilo e Tanais. Os três espaços assim diferenciados, representam os continentes: Ásia acima, Europa e África a baixo, uma a esquerda e outra a direita. Lido como inscrição, esta representação da *Terrarum Orbis*, forma um ideograma que representa a totalidade do espaço e o tempo concedido ao homem por seu Criador.

A forma da terra varia entre círculo, oval e quadrado. Estas práticas se remontam sem dúvida a antigas reflexões gregas sobre as propriedades abstratas da geometria. Desde Isidoro de Sevilha, adquire prioridade o círculo, sem dúvida em virtude dos poderes emblemáticos, que remetem a perfeição da obra divina, cujo controle garantia simbolicamente. O olhar contemplativo que os abarca, saindo do centro em direção a periferia, passa do conhecido ao desconhecido, alcançando por fim as zonas das quais nada se sabe, mas o sentido se ordena no ocorrido.

É perceptível na forma como se estrutura esse capítulo, que esse conhecimento científico de Isidoro está em função das narrativas bíblicas. A cartografia está marcada por essa linha discursiva, construída pelos teólogos medievais sobre os livros que compõe o Antigo Testamento, principalmente o Gêneses. A partir de uma organização de tempo e espaço que extrapola o sentido cronológico, o autor traz para o momento contemporâneos aos seus leitores, os eventos deste livro bíblico. A organização do

espaço se dá a partir do dilúvio, sendo cada um dos continentes povoados por um dos filhos de Noé, e dos descendentes dos seus filhos. Segundo as *Etimologias*, Jafet foi para a Europa; Sem para a Ásia e Cam para a África.

Seguindo uma tradição sacerdotal janista, essa divisão da organização populacional da terra, faz um resumo dos conhecimentos sobre o mundo habitado. Além de dar uma afirmação importante sobre a unidade da espécie humana, divide em grupos a partir de um tronco comum. Mesmo os seres monstruosos estão circunscrito a essa perspectiva. Para Isidoro: *do mesmo modo que em cada povo aparecem alguns homens monstruosos, assim também dentro do conjunto do gênero humano existem alguns povos de seres monstruosos, como os gigantes, os cynocéfalos, os ciclopes e outros mais.* (ETIMOLOGIAS, Livro XI, p. 49). O autor não deixa dúvidas de que esses seres prodigiosos, não se realizam contra a natureza, mas contra a natureza conhecida, são portanto, parte da criação

Assim, ao inserir terras e povos incognoscíveis dentro da sua enciclopédia, o autor assegura-se na lógica da unidade da criação. A alteridade entre os grupos humanos está, por outro lado, também mantida por este fio condutor. As fronteiras geográficas, mares rios, montanhas delimitam e fortalecem a identidade e a unidade cristã, já que mantém à distância a diversidade, o paganismo, a magia, o “Outro”. O distanciamento no espaço evocação, portanto, um distanciamento cultural.

O imaginário sobre o Oriente nos remete dentro da obra, a terras exóticas, como a Índia. Ai temos o lugar da diversidade de povos, a quem são atribuídos os costumes mais inesperados e as figuras humanas mais excêntricas: homens de cor, monstruosos como os *cynocéfalos* que devem seu nome ao fato de terem cabeça de cachorro; ou ainda animais enormes como elefantes, rinocerontes, praticamente desconhecidos por uma Europa pouco disposta a viagem comerciais ou diplomáticas. Mas também é lugar de produtos raros e apreciados pelos europeus, como madeira de ébano e cinamomo, pimenta, pedras preciosas, marfim, ouro. Porém, o desconhecido torna essas especiarias um sonho distante. Todas essas riquezas são guardadas por dragões, grifos e humanos monstruosos.

O oriente é antes de tudo a Ásia, seu limite é o nascimento do sol. A sua localização acima, e ocupando a maior das três partes do mundo, o colocam num lugar de importância dentro da representação da órbita da terra, proposta pelo autor. Possui muitas regiões, entre elas uma das mais valiosas, o Paraíso, “o Jardim das delícias”. Ou seja, há também um Oriente bíblico, para além daquele exótico.

O Paraíso, não deixa rastros para que o homem comum o encontre. Não há como chegar a este lugar, suas portas foram fechadas depois do pecado cometido por Adão e Eva, e está cercada por uma muralha e protegida por querubins com enormes espadas de fogo. Lá encontra-se a chamada “Árvore da vida” e uma fonte da qual parte quatro rios distintos que deságuam sobre as outras regiões da terra. Não há alternância de clima, não há frio, nem calor, apenas uma brisa constante. Lugar inacessível, mas tão real quanto a própria região hispânica a partir da qual o autor escreve.

A Jerusalém também está localizada à Oriente. Na Judeia, mas propriamente dito. Como um paraíso possível aos homens, ela é chamada de “Umbigo do mundo”. É descrita como uma terra de prosperidade, dos mais variados bens, fértil por seus frutos, formosa por suas águas, abundante em perfumes, é a terra prometida por Deus a seu povo.

Se a descrição da Ásia nos traz um misto de lugares bíblicos e exóticos. A descrição sobre as regiões da África compõe-se de um número muito maior de elementos que poderíamos classificar como bárbaros, segundo a visão de Isidoro. Lugar descrito como próximo ao sol, principalmente na região onde se localiza a Etiópia, tem grande parte do solo arenoso e desértico. Seus habitantes são diversos e horrendos: “por seu variado rosto e por seu monstruoso aspecto, como os *Artabatitas*, que caminha como os animais, inclinando-se até o solo. Os *Escopatas*, dotados de extraordinárias pernas e de velocidade extrema e que durante o verão se dão sombra com a magnitude dos seus pés”. (ETIMOLIGIAS, LIVRO XI, p. 47).

Descritos como nômades e acomodados a uma natureza selvagem, dominados por ela, esses seres humanos apresentam-se, nos seus usos e costumes a forma por excelência da alteridade Cristão. A África é portando o lugar da transição, da desordem.

Mais que a Ásia que ainda contem lugares ímpios como Jerusalém, aqui o que temos é a selvageria.

A descrição de Isidoro sobre a orbita terrestre organiza e dá dinamismo narrativo, portanto, - da perspectiva de um itinerário (passado, presente, futuro) -, ao conhecimento científico da época. Fica posto nestas descrições verbais que as imagens que se forma a partir delas, existem como suporte de sentido. O espaço, como ele é construído na narrativa, como os elementos estão situadas, previamente organizados pelo enciclopedista, determinam sua natureza e valor moral. Manifestam sua finalidade última, intelectual, emocional e mística.

É possível destacar assim, deste pequeno mapeamento dos usos que Isidoro faz do conhecimento bíblico e científico da época sobre a cartografia, o seu empenho em construir ao longo do trabalho, mecanismo de estranhamento e construção de si. O uso dentro da narrativa, da organizando dos elementos cartográficos - da natureza conhecida e desconhecida -, dentro de um jogo discursivo, que os integra à criação de Deus, e de arranjando que os coloca numa lógica temporal e espacial, associada aos eventos da crônica universal, é um exemplo disso. Isidoro joga com o conhecimento cartográfico, afim de, por meio retórica, possibilitar aos seus leitores ver-se como cristãos.

### Referências Bibliográficas

HARTOG, François. *O Espelho de Herodoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

FONTAINE, Jacques. *Isidoro de Sevilla. Génesis y originalidad de La cultura hispânica en tiempos de los visigodos*. Madrid: Ediciones Encuentro, S. A, 2002.

San Isidoro de Sevilla. *Etimologías*. Livro II. Madrid: BAC, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *La Medida del Mundo*. Madrid: Cátedra, 1993.